

PORQUE DEVEMOS ESTUDAR HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA/ESPORTES NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO?¹

*Victor Andrade de Melo*²

Porque *temos* que estudar história³ em um curso de graduação em Educação Física? É possível que esta pergunta já tenha sido diversas vezes pronunciada entre os estudantes e professores dos diversos cursos superiores ligados a formação do professor de Educação Física espalhados pelo Brasil. Afinal, em que o estudo da história estaria a contribuir na formação do futuro professor? Haveria realmente espaço e necessidade de uma disciplina específica para estudos desta natureza? Esta breve reflexão, surgida no decorrer de minhas recentes experiências enquanto pesquisador na área de História da Educação Física/Esportes, objetiva, a partir de uma determinada compreensão de formação profissional, argumentar sobre a importância dessa disciplina e desses estudos para os estudantes de graduação e professores de Educação Física.

Alguns argumentos podem ser levantados na tentativa de entender o que está em torno do questionamento inicial e de uma possível desvalorização da História nos cursos de graduação em Educação Física. Poderíamos, por exemplo, levantar o problema da afinidade da área de conhecimento. Argumentaria-se que aqueles que vêm cursar a graduação em Educação Física normalmente não se identificariam com disciplinas ligadas às ciências humanas, estando suas preferências voltadas às ciências exatas e biológicas. Poderia-se também sugerir que significativa parte das faculdades/institutos de Educação Física estão ligados a centros/departamentos da área biomédica e que normalmente os vestibulares para ingresso em tais faculdades/institutos privilegiariam disciplinas como a Física, a Química e a Biologia. Este seria um caminho bastante perigoso. Correríamos o risco de referendar uma visão pautada no senso comum, partindo de um antigo estereótipo de aluno que vem buscar os cursos superiores de Educação Física e desconsiderando algumas importantes mudanças na formação do professor e no perfil do estudante da área, pronunciadamente perceptíveis nos últimos 10/15 anos.

Um outro caminho nos parece mais interessante, até por privilegiar discussões mais diretamente

relacionadas ao assunto central deste texto. Os questionamentos iniciais, indubitavelmente, expressam um certo desconforto e refletem uma impressão geral de dúvida. E de fato este não tem sido um assunto discutido prioritariamente: porque existem disciplinas diretamente ligadas à História em cursos de graduação em Educação Física?

Ao observarmos, por exemplo, os trabalhos constantes nas coletâneas dos quatro encontros nacionais já realizados especificamente para discutir a História da Educação Física/Esportes¹, percebemos que bem poucos trabalhos expressam tal preocupação. Na verdade, somente uma mesa redonda realizada no primeiro destes Encontros se aproximou desta discussão. A falta de discussões desta natureza não contribui, inclusive, no estímulo à busca de iniciativas ligadas ao redimensionamento do ensino da disciplina, além de corroborar com as inexactidões no que se refere à sua existência na estrutura curricular.

Basta ver, por exemplo, que o ensino da História nos cursos de Educação Física, embora existam louváveis exceções, ainda tem se resumido a apresentação dos chamados '*conteúdos clássicos*'. Apresenta-se uma série de nomes e fatos eleitos como relevantes, enquadrados no interior de períodos consagrados tradicionalmente e importados da História Geral (Grécia Antiga, Roma, Idade Média etc.), a partir de uma ausente, confusa ou não consciente compreensão historiográfica.

Isto não parece ser verdadeiro somente na realidade nacional. Roberta J. Park (1992)ⁱⁱ afirma que nos Estados Unidos, onde o estudo da História da Educação Física/Esportes já está bastante avançado, os professores de Educação Física que se envolvem com a docência de disciplinas ligadas a esta sub-área de estudo não têm demonstrado conhecimentos metodológicos adequados. Park afirma ainda que tais professores acabam recebendo menores cobranças para melhoria de seus cursos, já que grande parte dos alunos está mais interessada em disciplinas ligadas a área biomédica. Esta situação se propaga por gerações, sem que a História venha a ser devidamente valorizada.

Enfim, os avanços recentes das pesquisas históricas na área ainda não parecem ter contagiado o contexto geral do ensino da História nos cursos de graduação, nem tão pouco estimulado profusos debates acerca de seu espaço e 'utilidade'. Tal espaço, então, tem se mantido simplesmente pela força da tradição. Isto é, pois sempre existiram disciplinas ligadas ao ensino da

¹. Adaptado do capítulo '*História da Educação Física e Desportos*' a ser publicado no livro '*Uma Introdução à Educação Física*', organizado pelo prof. Dr. Alfredo Gomes de Faria Júnior et alli (no prelo).

². Doutorado em Educação Física - Universidade Gama Filho

³. Neste texto sempre que utilizarmos o termo **História**, com inicial maiúscula, estaremos nos referindo a uma disciplina, a um campo de estudo. Já **história**, com inicial minúscula, quer significar os acontecimentos históricos estudados pela disciplina História.

história nos diversos cursos de formação profissional na Educação Física brasileira no decorrer do tempo.

Ao observarmos um pouco da história desses cursos de formação, veremos que antes mesmo da efetivação do primeiro curso, em propostas que não passaram de projetos, já se pensava em uma disciplina específica para discutir os aspectos históricos da Educação Física e dos esportes (MELO, 1995)ⁱⁱⁱ. Vamos tomar aqui um exemplo significativo: a situação da grade curricular na Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD)⁴.

Desde sua criação, em 1939, foi dedicada uma cadeira ao estudo da história. Compreendendo o contexto das disciplinas nesta Escola, podemos levantar o provável espaço, identificar o possível *status* e inferir sobre o significado daquela cadeira no âmbito da formação profissional na ENEFD.

Com a aprovação do regimento interno, em 1941, ficava referendada uma distinção clara entre *cadeiras teóricas*, onde se situava a cadeira de História, e *cadeiras práticas*. Deve-se observar que os professores das cadeiras teóricas deviam atender a algumas exigências dispensadas para os das cadeiras práticas. Além de terem nível superior, a grande parte das cadeiras teóricas somente poderia ser ocupadas por médicos.

É interessante ressaltar que um prestígio diferenciado era destinado às cadeiras, gozando de maior prestígio as cadeiras teóricas, destacadamente as médicas⁵. Assim, a cadeira de 'História e Organização da Educação Física e Desportos' ocupava um lugar e gozava de um prestígio intermediário, já que embora fosse teórica, era não-médica⁶.

Independente da flagrante dicotomização teoria-prática, as disciplinas tinham em comum o fato de serem orientadas diretamente para a formação de um profissional inicialmente considerado mais como um técnico do que como um professor (FARIA JÚNIOR, 1987)^{iv}. As disciplinas estavam preocupadas em apresentar verdadeiros modelos de atuação, que tivessem utilidade operacional técnica direta. A partir desta compreensão, é possível inferir que o prestígio da cadeira de História reduzia-se, por ser considerada de uma *utilidade prática menor*.

⁴. Esta Escola não foi a primeira na área, mas teve uma importância fundamental, inclusive por ser a primeira ligada a uma universidade (a Universidade do Brasil). Além disso serviu de modelo para as outras escolas de Educação Física já existentes e para aquelas a serem criadas. Maiores informações podem ser obtidas no estudo 'MELO, Victor Andrade de. *Escola Nacional de Educação Física e Desportos - uma possível história*. Campinas: Unicamp, 1996a. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Faculdade de Educação Física - Universidade Estadual de Campinas'.

⁵. Aquelas em que compulsoriamente os professores deviam ser médicos. Maiores informações podem ser obtidas no estudo de Melo (ibid.).

⁶. Observo que embora o professor da cadeira não fosse obrigatoriamente médico, existiram médicos que a ocuparam. Seu primeiro professor, inclusive, foi o médico Aluísio Acioli.

É provável que reflexos desta situação ainda sejam notáveis. Qual é a *aplicabilidade* da História da Educação Física/Esportes? Aquele aluno que se interessar mais diretamente pela atuação escolar, vai procurar e encontrar em cadeiras ligadas à pedagogia indicadores para uma *aplicação prática* melhor. Aqueles que se interessarem pelo treinamento desportivo podem encontrar na Fisiologia, na Biomecânica, entre outras, caminhos para uma *prática efetiva*. Mas afinal, e a História? Qual sua contribuição para a *prática*?

Tal entendimento não pode de forma alguma estar desvinculado da compreensão do contexto da formação. Significativamente, o desenvolvimento da formação profissional na Educação Física brasileira foi pautada por este tipo de *preocupação prática*. E, mesmo que de maneira diferenciada, tal *preocupação* ainda persiste, embora existam consideráveis reflexões e movimentos contrários. Sem dúvida, esta concepção é uma das responsáveis por relegar à História uma restrita função e responsabilidade.

Isto é, se acharmos que a formação e a preparação profissional em nível superior tem o único intuito de dar fórmulas fechadas, soluções lineares, modelos de atuação a serem seguidos inquestionavelmente, a História tem realmente uma duvidável validade e relevância. Dentro desta perspectiva, suas funções se restringiriam à mera informação despreziosa, um objeto de curiosidade ou a distorcidamente justificar o presente.

Assim, não fica difícil compreender o desconforto existente. Desenvolve-se um imaginário em torno da disciplina, plenamente referendado pelo contexto da formação, que acaba por a relacionar a algo enfadonho (*porque tenho que decorar tantas datas e nomes*), completamente fora do contexto do curso (*eu não estou fazendo Educação Física para estudar história*) e sem sentido por não ter *aplicabilidade prática* (*eu nunca vou usar essas coisas quando estiver trabalhando*).

Veja bem que não estamos a dizer que a *prática* não é importante, mas sim que a graduação deve preparar para a atuação profissional não através de fórmulas e modelos fechados. A graduação deve dar condições, por meio de uma preparação teórica aprofundada, para que o aluno possa recriar constantemente sua atuação, a partir da compreensão da realidade que o cerca, dos valores em jogo, das especificidades da atuação e das possibilidades de que pode dispor para alcance de seus objetivos. A graduação estaria preocupada em preparar o aluno para pensar/repensar sua atuação, entendendo que há a necessidade de uma compreensão teórica por trás de toda atuação, que nunca é só prática, mais indissociadamente teórico-prática.

Existiria, nesta compreensão, um outro sentido para a História da Educação Física/Esportes. A História, talvez das disciplinas mais teóricas do currículo, encontraria uma original possibilidade de contribuição,

obviamente não mais podendo ser abordada segundo os ultrapassados padrões que ainda prevalecem. Perceba-se, logo, que estas reflexões introdutórias não são 'pura perda de tempo', mas o aproveitamento de um espaço que permite que seja possível compreender historicamente os problemas. Que permite que passemos algumas páginas discutindo as injunções históricas de nosso questionamento inicial e central: mas afinal, porque devemos estudar a História da Educação Física/Espportes?

Pensamos que não seja possível responder adequadamente esta pergunta se não nos reportarmos aos domínios do campo de conhecimento da historiografia e da teoria da História. Como inspiração teórica para buscar a resposta, optamos por selecionar uma afirmação de Karl Marx. Ao utilizar este autor, não estamos fazendo uso de suas palavras somente para ressaltar seu sentido político/ideológico ou somente considerando o aspecto geral de sua contribuição para o desenvolvimento da História. Suas palavras também são utilizadas na medida que podem contribuir para a reflexão sobre alguns possíveis significados, sentidos, enfim, 'utilidades' do estudo da História.

Afirma Marx (1974)⁷:

"Os homens fazem sua própria história, mas não fazem como querem, não a fazem sob a circunstância de sua escolha e sim sob aquelas que se defrontam diretamente, ligadas e transmitidas pelo passado" (p.17).

Parece-nos que um primeiro apontamento a ser levantado estaria ligado à efetiva atuação do homem na construção do mundo que o cerca, na transformação de sua sociedade. De fato, quando falamos em História, estamos a falar da história dos homens e de suas construções sociais, da sua atuação na sociedade. A História nos ajuda a entender que o homem tem/teve uma ação concreta: o que temos atualmente foi construído e não fruto exclusivo do acaso, tão pouco estava escrito em um 'livro dos destinos'. Todos, querendo/sabendo ou não, fazemos parte da história. Ao mesmo tempo somos e fazemos história.

Mas isto não significa que tenhamos todas as possibilidades de fazermos a história da forma que desejamos e imaginamos. Existe uma série de barreiras, impedimentos, condicionantes sociais que muitas vezes nos impedem de plenamente seguir um caminho traçado. Dentro da prática social se apresentam outros caminhos, em um processo cotidiano do qual nem sempre tomamos consciência profunda. Parece que aí percebemos um segundo apontamento nas palavras de Marx: o passado também estabelece condicionantes. Condições a que temos de nos reportar no presente, situações construídas no decorrer do tempo. Assim, todos temos um passado que de alguma maneira influencia diretamente em nossas

ações presentes. E o estudo da história nos ajuda a entender melhor essas condições que nos cercam, as possíveis injunções do passado no presente.

Com isto não estamos a afirmar que exista uma relação linear e simplista de causa-conseqüência a ser desvendada. Muito pelo contrário, devemos tomar cuidado com esta compreensão. O presente não é a soma dos passados, guarda suas especificidades, seus próprios condicionamentos, que possivelmente só vamos poder entender melhor, pelo menos historicamente, em algum momento futuro. É inegável que o presente e o passado guardam uma relação, mas a História só está habilitada a 'lançar luz', auxiliar junto com outras disciplinas (Sociologia, Antropologia etc.) à busca de uma compreensão maior, sem a pretensão de estabelecer 'verdades absolutas/inquestionáveis'.

A História, enfim, tem uma contribuição original. O fato de buscarmos uma crítica do presente através do conhecimento histórico não significa, todavia, que *a priori* ela deva se submeter às compreensões ideológicas. A História tem um caminho para contribuir na compreensão da sociedade que se diferencia (e deve se diferenciar), embora não se negue a dialogar, de outros campos do conhecimento.

E qual seria então a relação da História com o futuro? Seria possível 'planejar o futuro' a partir do exercício histórico? Se o estudo do passado guarda uma relação relativa com o presente, mais relativa ainda é sua relação com o futuro. O máximo que podemos fazer a partir do estudo histórico é levantar algumas tendências, apresentar algumas possibilidades, 'lançar uma luz ainda mais tênue', mas de forma alguma afirmar, em um exercício irresponsável de futurologia, a exatidão dos acontecimentos futuros.

Algumas 'utilidades' ainda merecem ser destacadas. Uma delas é a contribuição para o estudo da sociedade a partir do exemplo efetivo que vem tentando dar de interdisciplinaridade e rompimento dos rígidos limites epistemológicos. Entre as ciências sociais, a História tem se apresentado entre as que mais tem procurado o diálogo com outras áreas do conhecimento, como a Sociologia (hoje um diálogo menor) e a Antropologia e a Linguística (hoje muito fértil, delineando o que tem sido chamado de História Cultural)⁷.

Não pode também ser descartada sua contribuição no conhecer e manter das tradições que se estabeleceram. Por si só, o patrimônio construído por nossos antepassados merece ser resguardado, inclusive pelo impacto que ocasiona na memória da sociedade.

⁷. *Essas discussões podem ser melhor compreendidas nos estudos BURKE, Peter. A Escola dos Annales. São Paulo: UNESP, 1991; BURKE, Peter. A escrita da História. São Paulo: UNESP, 1992; LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: Edunicamp, 1990; HUNT, Lyhn. Nova História Cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992.*

Além de sua contribuição, por sua própria natureza, no desenvolvimento e estímulo de forças transformadoras e questionadoras das estruturas sociais.

Gostaria ainda discutir uma última questão, a meu ver de grande importância. Haveria diferenças significativas entre a Educação Física e o esporte para que suas histórias fossem estudadas separadamente? Ou ambos objetos poderiam ser estudados em uma única abordagem? Tais discussões ainda não foram procedidas entre os estudiosos brasileiros, que invariavelmente tem preferido utilizar o termo História da Educação Física e dos Esportes. Internacionalmente, entretanto, esta tem sido uma questão que tem merecido bastante cuidado.

Park (*op.cit.*), por exemplo, trabalha com o termo História do Esporte, não resumindo, contudo, tal compreensão às práticas esportivas, incluindo a Educação Física e mesmo outras manifestações da cultura corporal:

"Eu quero deixar claro de início que considero História do Esporte uma categoria/expressão que inclui, no mínimo, lutas atléticas, atividades de recreação, e Educação Física..."
(p.96).

Já na Grã-Bretanha, as discussões parecem caminhar em sentido diferenciado. Os historiadores britânicos tem em grande parte criticado a carência de um rigor maior na definição do que pode ou não ser considerado como esporte⁸(HILL, 1996)^{vi}.

Nos alinhamos mais com esta última posição. Compreendemos que Educação Física e esporte são objetos diversos que vão solicitar caminhos metodológicos e preocupações teóricas diferenciadas. Seus compromissos e sua construção têm sentidos diferenciados. Vejamos um pouco da história da História da Educação Física e da história da História do Esporte para entender melhor tal assertiva.

Podemos pensar o desenvolvimento dos estudos históricos na Educação Física brasileira em três fases distintas. A primeira fase é marcada pelo caráter embrionário de desenvolvimento dos estudos. Uma segunda fase é marcada pelo início de uma produção e preocupação maior com os estudos históricos, tanto nos aspectos qualitativos quanto nos quantitativos. A terceira fase é marcada pela busca do redimensionamento das características dos estudos históricos⁹. Independente das diferenças entre os trabalhos nas respectivas fases, o compromisso de todos os pesquisadores que abordaram a História da Educação Física estava ligado a necessidade

de diretamente entender a Educação Física e/ou justificar algumas sugestões de modificações¹⁰.

Já no que se refere a História dos Esportes, desde o século passado e início deste século podemos identificar estudos, normalmente desenvolvidos fora dos circuitos acadêmicos tradicionais. Tais estudos eram costumazmente escritos por antigos praticantes e/ou apaixonados pelos determinados esportes, muitas vezes jornalistas que acompanharam de perto o desenvolvimento da modalidade. Exemplos disto são os livros de E.P. (1893)^{vii} e Thomaz Rabello (1901)^{viii}, sobre o turfe, e o livro de Alberto B. Mendonça (1909)^{ix}, sobre história dos esportes náuticos.

Mesmo na obra dos autores ligados à História da Educação Física, principalmente os da segunda fase, os aspectos históricos dos esportes já dividiam espaço com os ligados à Educação Física. Com certeza, isto é um reflexo do crescimento da importância do esporte no âmbito da Educação Física e origem da confusão conceitual no que se refere ao estudo da História dos dois objetos.

Embora no Brasil a História do Esporte não tenha um espaço tão significativo como tem em outros países, como na Inglaterra (HILL, *op.cit.*), estes estudos tem uma preocupação significativamente diferenciada dos estudos de História da Educação Física. Sua preocupação básica não é, nem foi, entender o esporte em si. Antes era simplesmente guardar informações sobre os esportes. Hoje fundamentalmente utilizar o esporte como objeto importante para entender a sociedade. Na verdade, grande parte dos estudos recentes ligados à História do Esporte são relacionados ao futebol, provavelmente devido a dimensão que ocupa na cultura brasileira. A título de exemplificação, citamos os trabalhos de Joel Rufino dos Santos (1981)^x, Waldenir Caldas (1990)^{xi} e César C. Gordon Júnior (1995)^{xii}.

A despeito da relativa diversidade, defendemos que as disciplinas, discussões e os encontros específicos continuem a ser dedicados tanto a História da Educação Física, quanto a História do Esporte, inclusive para que possamos entender melhor as relações que historicamente se estabeleceram entre os objetos. Devemos, contudo, ressaltar as diferenças necessárias nas abordagens a serem realizadas.

Enfim, os pesquisadores da História da Educação Física/Esportes têm procurado, e precisam continuar procurando, uma especificidade para sua atuação, uma definição de seu espaço, uma competência que venha a abolir a compreensão de que todo amontoado de datas e fatos, colocados em qualquer momento, pode ser

⁸. Maiores informações podem ser obtidas no estudo 'MELO, Victor Andrade de. Encontros Nacionais e o 'movimento' da História da Educação Física/Esporte no Brasil - perspectivas internacionais. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 4, Belo Horizonte, 1996b. *Coletâneas*.

⁹. Maiores informações podem ser obtidas no estudo de Melo (1995).

¹⁰. Um exemplo clássico é o estudo 'AZEVEDO, Fernando de. *Da educação física: o que ela é, o que tem sido e o que deveria ser*. São Paulo: Melhoramentos, 1960'. O autor buscava subsídios na história da educação física, para defender a utilização do método sueco, desencadeando resistências ao método alemão, bastante influente e presente nos primórdios da educação física nacional.

chamado de estudo histórico. É preciso tomar também cuidado com uma pretensa abordagem crítica que venha a se coadunar com uma perspectiva linear causa-conseqüência ou a permitir que inferências *a priori* ideológicas obliterem a especificidade de sua contribuição. É preciso, enfim, ocupar um lugar no âmbito dos estudos históricos¹¹.

Assim, os estudos históricos terão uma possibilidade maior de contribuir efetivamente com a Educação Física brasileira, permitindo interpretações de seus processos e caminhos no decorrer do tempo, lançando luz nas discussões contemporâneas, e, diriam alguns, até mesmo contribuindo no perspectivar do futuro. Mas isso de forma alguma significa que a História se presta a conceder lições de moral, a buscar heróis ou bandidos ou a programar o futuro e se constituir em uma verdade 'absoluta/inquestionável'.

Bem possivelmente, se os professores da disciplina incorporarem esta nova forma de pensar, aliada com estratégias pedagógicas adequadas, seu ensino se tornará mais agradável e sua importância mais reconhecida no contexto dos cursos de graduação em Educação Física.

Recebido para publicação em: 11.11.96

Endereço para contato:
Universidade Gama Filho
Rua Manoel Vitorino, 625
Rio de Janeiro RJ
20748-900

¹¹. Maiores informações sobre estas propostas no Brasil podem ser encontradas no estudo MELO, Victor Andrade de. *Reflexão sobre a História da Educação Física no Brasil - uma abordagem historiográfica*. *Movimento*, Porto Alegre, ano III, n.4, p.41-48, 1996c.

NOTAS DE FIM

- ⁱ. ENCONTRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE, 1, 1993. Campinas. *Coletâneas*. Campinas: Unicamp, 1993; ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 2, 1994. Ponta Grossa. *Coletâneas*. Ponta Grossa: UEPG, 1994; -----, 3, 1995. Curitiba. *Coletâneas*. Curitiba: UFPR, 1995; -----, 4, 1996. Belo Horizonte. *Coletâneas*. Belo Horizonte: UFMG, 1996.
- ⁱⁱ. PARK, Roberta J. Sport History in the 1990s: Prospects and problems. In: SAFRIT, Margaret J.; ECKERT, Helen M. *The cutting edge in Physical Education and exercise science research*. Champaign: Human Kinetics, 1987.
- ⁱⁱⁱ. MELO, Victor Andrade de. História da Educação Física no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Santa Maria, v. 16, n.2, p.134-138, jan./1995.
- ^{iv}. FARIA JÚNIOR, Alfredo Gomes de. Professor de Educação Física, licenciado generalista. In: OLIVEIRA, Vitor Marinho de; FARIA JÚNIOR, Alfredo Gomes de (orgs.). *Fundamentos Pedagógicos da Educação Física - 2*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1987.
- ^v. MARX, Karl. *O 18 Brumário e cartas a Kugelmann*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- ^{vi}. HILL, Jeffrey. British Sports History: a post modern future? *Journal of Sport History*, v.23, n.1, p.1-19, 1996.
- ^{vii}. E.P. *Crônicas do turf fluminense*. Rio de Janeiro: s.n., 1893.
- ^{viii}. RABELLO, Thomaz. *História do Turf no Brazil*. Rio de Janeiro: Leuzinger, 1901.
- ^{ix}. MENDONÇA, Alberto B. *História do sport náutico no Brazil*. Rio de Janeiro: s.n., 1909.
- ^x. SANTOS, Joel Rufino dos. *História política do futebol brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- ^{xi}. CALDAS, Waldenyr. *Memória do futebol brasileiro*. Ibrasa, São Paulo, 1990.
- ^{xii}. GORDON JÚNIOR. César C. História Social dos negros no futebol brasileiro. *Pesquisa de campo*, n.2, p.71-90, 1995.